

Espetáculo da morte e o limite da barbárie

Há uma diferença entre executar um criminoso e exibi-lo sendo executado. A primeira é uma decisão do Estado sobre a vida de um condenado. É discutível e controversa, mas pertencente ao campo do direito penal. A segunda é um espetáculo. E espetáculos da morte têm um nome na história da humanidade, e esse nome não costuma aparecer em capítulos que nos orgulhamos.

O governo Trump anunciou, pelo secretário de Defesa Pete Hegseth, que a execução de Nidal Hasan — ex-psiquiatra do Exército americano condenado pelo assassinato de 13 militares numa base no Texas em 2009 — seria transmitida ao vivo. A ideia, claro, sofreu resistência de republicanos, democratas e líderes religiosos, e Trump anunciou nesta quinta-feira que a execução, mantida para 3 de dezembro por pelotão de fuzilamento, não será televisionada. A ressalva é necessária: o recuo não apaga o fato de que a proposta existiu, foi defendida por membros do governo e só foi abandonada diante de pressão política.

Não se discute se Hasan merece a pena que recebeu. Esse debate tem os próprios termos, a própria complexidade moral e jurídica. O que está em questão aqui é outra coisa: a decisão de transformar a morte de um ser humano, por mais hediondo que seja o crime que cometeu, em conteúdo para consumo público. A transmissão ao vivo de uma execução não serve à Justiça. É entretenimento do

pior tipo — o construído sobre a morte de alguém — e diz algo sobre quem o produz e sobre quem o assiste.

A Organização das Nações Unidas (ONU) classificou o plano original como “uma forma de tortura”. A Anistia Internacional lembrou que execuções filmadas ou transmitidas ao público são associadas a regimes autoritários, ao Estado Islâmico e a ataques terroristas gravados pelos próprios autores. Os Estados Unidos, ao propor esse modelo, colocaram-se numa companhia que, presumivelmente, prefeririam evitar. O argumento da dissuasão, usado pelo próprio Donald Trump para justificar a ideia, não tem nenhum tipo de respaldo empírico: simplesmente não há evidência consistente de que execuções públicas reduzam a criminalidade. O que há é a satisfação de uma pulsão de morte e de um impulso punitivo apresentado como política de Estado.

Civilização não é ausência de punição. É a forma como punimos. Quando um Estado democrático começa a cogitar, mesmo que recue depois, transformar a morte de um condenado em evento midiático, algo se perde que vai além daquele caso específico. Perde-se um pouco da ideia de que a dignidade humana — inclusive a de quem cometeu crimes graves — tem um valor que o Estado não pode simplesmente leiloar para satisfazer o ânimo do momento. Quando a barbárie começa a ser discutida como opção, é a prova que a humanidade já perdeu o jogo.



ROBERTO FONSECA
robertofonseca.df@dabr.com.br

Atos de rua viram votos?

A nove dias de escolhermos o novo presidente da República, teremos pela frente um fim de semana em que o clima de eleição estará presente nas ruas e nas redes sociais. Atos tanto em defesa da reeleição do presidente Luiz Inácio Lula da Silva quanto da vitória do senador Flávio Bolsonaro estão previstos para as principais capitais. Além disso, pela primeira vez, salvo alguma desistência de última hora, os dois devem se enfrentar em um debate presidencial, na noite de domingo.

No fim de semana passado, prolongado pelo feriado de Nossa Senhora Aparecida, manifestantes pró-Lula ocuparam as ruas do Rio, São Paulo e Brasília. A quantidade de gente impressionou. Agora, o PL pretende dar o troco com o deputado federal Nikolas Ferreira, fenômeno de votos no primeiro turno, à frente do “Bloquinho do 22”, com manifestações previstas no Sudeste, Nordeste e Norte, no domingo. Já o “Blocão 22” vai ocorrer na Avenida Paulista, com a presença de Flávio, horas antes do debate presidencial.

Na capital federal, tenho certeza que os militantes também vão ocupar as ruas, a exemplo do que ocorreu no domingo anterior ao primeiro turno. Há manifestação convocada para o Museu da República. O Eixão do Lazer estará lotado de bandeirolas e eleitores com camisas do candidato preferido. Diretórios regionais de partidos de esquerda e de direita prometem fazer mobilizações pontuais em feiras de grande circulação, como a do Guará, de Ceilândia e da Torre de TV.

Está claro que candidatos e partidos apostam nas grandes manifestações de rua para demonstrar força e conquistar votos na reta final da campanha. A lógica parece simples: quanto maior a multidão, maior a chance de vitória. Mas, afinal, atos de ruas viram votos? Conseguem conquistar o indeciso?

A ciência política faz uma distinção importante entre persuasão e mobilização. A primeira ocorre quando alguém muda de preferência e passa a apoiar outro candidato. A segunda consiste em estimular eleitores já identificados com determinada candidatura a participar da votação. É nessa segunda frente que os atos públicos tendem a produzir resultados mais relevantes.

Em uma disputa marcada pela polarização, dificilmente um eleitor convencido por um candidato muda de opinião ao ver uma multidão favorável ao adversário. A reação mais provável é reforçar as convicções que ele já tem. As manifestações costumam reunir pessoas com maior interesse pela política, posições ideológicas definidas e vínculos mais fortes com as candidaturas. O eleitor indeciso, que ainda avalia alternativas e nem sempre acompanha o noticiário diariamente, raramente está entre os protagonistas dessas concentrações.

Mas, ao mesmo tempo, uma manifestação numerosa contribui para renovar o ânimo da militância, estimular simpatizantes desmobilizados e aumentar a disposição de comparecer às urnas. Em uma eleição decidida por poucos votos, a capacidade de reduzir a abstenção entre eleitores de uma candidatura faz a diferença. O efeito se estende às relações pessoais. Quem sai motivado de um ato tende a conversar mais sobre a eleição com familiares, amigos e colegas de trabalho.

Existe, porém, o risco de o resultado ser o contrário do esperado. A “demonstração de força” também pode produzir uma falsa sensação de vitória entre os apoiadores, levando a uma confiança exagerada na reta final. No fim das contas, as ruas oferecem pistas sobre o grau de mobilização de uma campanha, mas não funcionam como pesquisa eleitoral.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato. **E-mail:** sredat.df@dabr.com.br. O **Correio** reserva-se o direito de resumir os textos enviados.

Redução da jornada 1

O fim da escala 6X1 é uma questão de dignidade humana e de saúde mental. O trabalhador precisa de tempo e de qualidade com a família. O setor produtivo sempre se adapta, e a economia vai continuar girando. Justamente pelo fato de o salário ser pouco e os impostos serem muito altos que o trabalhador merece o mínimo de dignidade de não viver apenas para trabalhar.

» **Raiany Emanuelle**
Brasília

Redução da jornada 2

Para mim, o ideal seria aumento do salário mínimo, não o fim da escala 6X1. Tenho certeza de que todo trabalhador prefere ganhar mais para ter mais condições e para conseguir sobreviver e sustentar a si próprio e a sua família. Saúde mental é comida na mesa e condições para sustentar aqueles que dependem do trabalhador.

» **Allan W. Mazzaro**
Santa Catarina

Mesmo roteiro

A cada nova investigação envolvendo figuras públicas e suas relações suspeitas com desvios de verbas, bancos, jatinhos, rachadinhas, funcionários fantasmas de gabinetes, paraísos fiscais, dinheiro em cuecas e em malas na residência, orçamentos secretos, viagens misteriosas e ausência nas sessões da Câmara Federal, o brasileiro tem a sensação de estar assistindo ao mesmo roteiro com personagens diferentes. As denúncias, suspeitas, documentos e explicações se sucedem, enquanto a população continua aguardando aquilo que realmente importa: a apuração rigorosa dos fatos e a aplicação da lei, sem privilégios nem exceções. Vale lembrar que a democracia se fortalece quando a verdade prevalece!

» **Paccelli M. Zahler**
Sudoeste

Excesso de partidos

Não tenho dúvida alguma de que os partidos no Brasil são todos iguais e pensam apenas nos interesses de seus membros. Quando se está no poder, a máquina gira em proveito próprio e tenta-se aprovar apenas projetos de interesse da legenda, além da

» correiobraziliense.com.br

Vídeo

A jornalista Denise Rothenburg analisa as movimentações recentes do Centrão na Câmara dos Deputados com o objetivo de o grupo ser o protagonista da Casa independentemente de quem sair vitorioso nas eleições para a Presidência da República.



Aponte a câmera e confira o vídeo na íntegra

Artigo

O futuro tecnológico de um país se decide no número de jovens que conseguem atravessar a distância entre o potencial que têm e a formação que recebem, alerta Leandro Villas, presidente do Instituto de Tecnologia e Computação (Itec) e professor da Unicamp, no artigo *O Brasil precisa alcançar seus talentos, onde quer que estejam*. Confira no site do **Correio**.

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houvera, lá chegara”
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

VENDA AVULSA			ASSINATURAS*	
Localidade	SEG/SÁB	DOM	SEG a DOM	
			R\$ 1.187,88	
DF/GO	R\$ 5,00	R\$ 7,00	360 EDIÇÕES	
			(promocional)	
Assine				
(61) 3342.1000 - Opção 01 ou (61) 99966.6772 Whatsapp				
*Preços válidos para o Distrito Federal e entorno.				
Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 99158.8045 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.				
Anuncie				
Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp				
Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp				
Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp				

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edison Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp.

ANJ
Associação Nacional de Jornais

Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A. Press.
Tel: (61) 3214-1131

DIÁRIOS ASSOCIADOS

D.A. Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco 1, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF;
de segunda a sexta, das 9h às 18h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.dapress.com.br

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/
sábados, das 14h às 21h/ domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.dapress.com.br